



**MUNDO
GRAFICO**

NATAL DE 1945



Há 100 anos
GRAHAM'S PORT

Hoje
GRAHAM'S PORT
ainda o preferido

GENTES GERAIS EM PORTUGAL

G. me GRAHAM Jnr. & C.^a

dos Clérigos, 6 / PORTO



LISBOA / R. dos Fanqueiros, 7

CASAMENTO ELEGANTE



Na paróquia de Santo António do Estoril realizou-se, sendo celebrante o sr. arcebispo-bispo de Aveiro, o casamento da sr.^a D. Maria do Rosário de Amaral de Figueiredo, filha da sr.^a D. Clotilde Ferreira de Amaral de Figueiredo e do sr. Fausto de Figueiredo, com o sr. dr. José António Mera Benito Garcia, filho da sr.^a D. Maria del Consuelo Mera de Benito Garcia e do sr. D. David Benito Garcia. Foram padrinhos dos noivos seus pais. Entre a numerosa assistência vieram-se os srs. Alvaro Pedro de Sousa e esposa, tios da noiva; prof. Fezas Vital, duque de Lafões, conde de Castelo Melhor, princesa de Broglie, condessa de Vilalva dr. Bustorff Silva, dr. Marques Guedes e esposa, dr. Emídio Mendes e esposa, Jaime Thompson, dr. Carlos Salazar de Sousa e esposa, eng. Branco Cabral, dr. Carneiro de Mesquita.

A construção civil na Grã-Bretanha

UMA das maiores tarefas que se apresentam agora na Grã-Bretanha é evidentemente a reconstrução das suas cidades e vilas devastadas pela guerra.

Todos quantos estão associados à indústria da construção civil na Grã-Bretanha — quer sejam urbanistas ou fabricantes de cimento armado, arquitectos ou fabricantes de telhas — têm acesso fácil a uma organização que lhes pode prestar auxílio real e prático nos seus variadíssimos problemas. Esta organização é o Posto de Investigação Científica da Construção Civil, uma sub-divisão da Repartição de Investigação Científica e Industrial que, desde a sua inauguração em 1921, tem efectuado investigações e experiências de natureza prática em benefício da comunidade.

Neste posto compacto e bem apetrechado, situado numa paisagem prazenteira a cerca de uma hora de Londres, aplica-se a ciência a todos os aspectos da construção civil com o fim de obter o máximo de beleza, duração e conforto.

Existem aqui laboratórios e

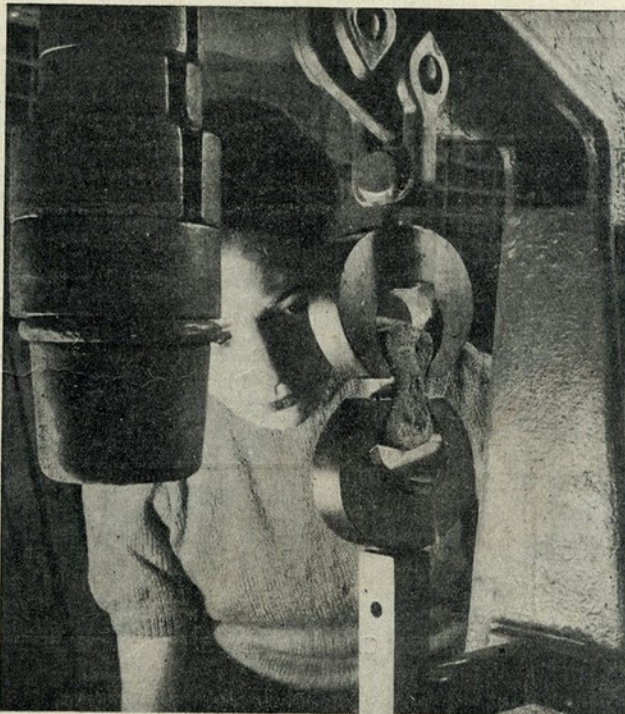
oficinas que contêm aparelhos engenhosos e complicados destinados ao estudo de todo e qualquer problema de construção civil que tenha a probabilidade de surgir. O estudo da maneira como se portam os terrenos sob carga e pressão, a mensuração dos efeitos da luz, do calor, das correntes de ar e dos ruídos em termos de conforto humano, e a sujeição acelerada dos materiais empregados nos telhados e na superfície exterior das paredes às intempéries são típicos de muitas das investigações a que ali se procede.

Estas últimas experiências — interessante notar, efectuam-se por meio de um aparelho especial inventado neste posto. É uma correia transmissora, movida mecanicamente, que expõe as amostras a experimentar à radiação ultra-violeta, ao calor, ao frio e à chuva artificial. A velocidade da correia transmissora é variável e podem efectuar-se de 10 a 20 ciclos em cada 2½ horas.

A biblioteca do Posto de Investigação Científica relativo à Construção Civil — a única completa no seu género actualmente existente — é uma colecção preciosíssima contendo informações sobre o progresso das novas descobertas em todo o mundo.

Algumas das equipas de cientistas do posto estudam a natureza química de toda a espécie de material de construção, desde as 600 ou mais variedades de pedras de construção que existem nas pedreiras da Grã-Bretanha até aos modernos cimentos armados e agregados. Outros grupos investigam os variadíssimos tipos de material de construção que hoje se empregam. Por exemplo, o efeito químico dos terrenos, das águas e dos produtos industriais sobre o cimento armado tem sido estudado com minuciosidade e o mesmo se fez quanto aos efeitos dos materiais de revestimento, tais como estuque, tintas, etc.

Nos laboratórios de engenharia e nas salas de ensaio fazem-se experiências de flexão de vigas de aço e estudam-se os efeitos dos esforços de tração e de compressão em materiais de construção de variadíssimos tipos assim como nas próprias construções, o que constitui uma secção importante do trabalho do posto. Neste particular os aparelhos eléctricos de medição, que são engenhosíssimos, foram deli-



Esta graciosa operária inglesa ensaia, neste aparelho a resistência à tracção de tijolos de várias composições, com a excepção, ao centro, de uma polegada quadrada

(Continua na página 25)

TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

EXECUÇÃO PERFEITA
E RÁPIDA DE IMPRESSOS
EM TODOS OS GÊNEROS

SOCIEDADE
TIPOGRÁFICA, L.^{DA}

FORNECEDORA DO ESTADO,
BANCOS, COMPANHIAS,
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Telef. 23701
LISBOA

Travessa das Mercês, 4, 6, 8 e 10
(ao calhariz)

TINTAS DE IMPRENSA CH. LORILLEUX & C.^{IE}

UMA NOVELA

HERANÇA

de GUEDES DE AMORIM

BATEU, numa terça-feira, ao porção do seminário de Penaçuão.

Trambuço, o porteiro, berrou-lhe: «Não sabes que as esmolas aqui, só se dão às quintas?» Zé Rufino explicou: «O que eu queria era falar ao senhor reitor...» Meio a sorrir, meio a sério, o guarda-portão tornou-lhe se não estaria a mangar com êle. Teimou e jurou o velho que falava verdade. E, não pensasse, que, dessa feita, embora tivesse o sacco vazio, era o auxilio do costume o que procurava. Nada, não. Queria unicamente dar uma palavra a monsenhor...

Mandaram-no entrar. Bentou-se num banco de pedra, à beira do tanque, diante do velho e escuro edificio. Devia ser grande e bonito, lá por dentro, aquele casarão. Passavam debaixo das árvores, pela sua frente, seminaristas nas suas compridas botinas, lendo em voz alta. Rufino, a lembrar o neto, agora já a pedinchar ou a ajudar a mãe no que podia, seguia, em pensamento, atrás dêles com olhares de admiração, de muita admiração.

Levaram-no, passado um bom bocado, à presença do senhor reitor. Encontrou sentado à secretaria um homenzinho magro, vestido de preto, muito distinto e muito pálido, com o cabelo todo branco a olhar calmamente

por detrás dos óculos. «Monsenhor perdoará este meu ousio» — murmurou o pobre. O reitor convidou: «Senta-te e diz-me o que pretendes». As palavras do illustre doutor, carinhosas e suaves, encorsajaram-no. Deitou para ali, pouco a pouco, o favor que vinha pedir. Seu neto andava a pedinchar, como os da sua idade. La crescer, tornar-se-ia um homem, mas seria um desgraçado, um desgraçado, como todos os homens da terra dos pecados, só uma ou duas vezes na vida iria à igreja. Ora êle queria salvar o neto, queria dá-lo a Deus. Rufino acabou a ladainha por se deitar de joelhos e, de mãos postas, pediu: «Faça-me, monsenhor, dêle alguém... Um padre, seria o meu orgulho e seria a sua salvação». Correu o reitor, atenciosamente, e levantá-lo. Perguntou: «Que idade tem o teu neto?» Zé Rufino disse-lhe que ia fazer nove, lá nos últimos de Janeiro. Abriu-se ainda em outras explicações. O reitor atalhou o diapação, declarando: «Traz-mo no fim do mês. Verei o que se pode fazer do rapaz...»

Rufino deixou o seminário tão contente como se fôra dono do mundo. O seu nêtinho estava salvo! Entraria no caminho de Deus, seria venturoso. O que o havia tolhido a êle, Rufino,

como aos mais que vagueavam por caminhos e quelhos, era a falta de noção do Altíssimo. Escravos da terra, sempre na sementeira ou na colheita, eram uns condenados. Nunca olhavam para o céu, nunca mandavam orações para o alto. Por isso, a sorte os escorraçava, constantemente, impedidamente.

Zé Rufino pensava no padre Jerónimo, de Loureiro, e noutros que conhecia. O seu aspecto dizia muito da cozinha e da adega. Traziam muitas orações na boca, nunca se sangavam, nunca ehoravam como os velhos trabalhadores que morriam a pedir esmola. Zé Rufino dizia para si próprio, contente, que o futuro do seu neto estava salvo.

Mal deitou pé em casa, no sábado, Zé Rufino perguntou à filha:

— O teu filho? O menino?

— Foi à vende, comprar um arratel de pão.

— Traço boas noticias, boas novidades, Madalena...

Referiu o seu diálogo com o reitor do seminário de Penaçuão, Coração formoso, alma generosa, o bom reitor tinha decidido aceitar o pequetito. Mas já não adiantou mais... Chegava o neto, com o bocado de broa que fôra comprar. Olhou-o, enternecido. Era um pequeno espiçadote para a sua idade, mas bastante pálido. Mostrava olheiras, um fiozito de voz, tudo, talvez, da fome, que passava. Chamou-o para si. Beijou-o. O seu neto ia aprender a caminhar para Deus. Perguntou-lhe:

— Tu que queres ser na vida, Afonso?

O petiz olhou-o, meio assustado. Porque é que o avô lhe fazia aquela pergunta? Escutando-a pela segundo vez, respondeu:

— Quero ser cavador, como foi o meu pai.

À mãe, que estava debruçada para o lume, rompeu a chorar. Anos volvidos sobre a morte do seu Diamantino, ela ainda o não tinha esquecido. Zé Rufino surpreendido com a resposta do neto, teimou:

— Mas porque queres tu ser cavador?

A COMIDA
PASSOU
A SER
APETECIDA!



Desapareceram
as minhas dores
de estômago

Pode comer o que lhe apetece sem receio de perturbações digestivas, desde que tome Magnésia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnésia Bisurada libertam o estômago do excesso de acidez, freqüentemente causa de eructações, sensação de fogo, flatulência e outros incômodos de ordem gástrica.

DIGESTÃO ASSEGURADA

MAGNÉSIA
BISURADA

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15 \$00 e 23 \$00.

— Porque o avô foi cavador... o meu pai cavador... Dizem os homens, para si, que foram os melhores cavadores da nossa freguesia.

— Não, Afonso. Não fomos nós os melhores. Tinhamos mais força, isso, sim, tinhamos mais força, parece...

E beijando-o, continuou:

— Tu, Afonso, vais estudar, vais caminhar para Deus.

— Não quero!

— Cala-te. Tu não sabes o que dizes. Na nossa família já houve muitos, muitos cavadores...

O pequeno Afonso começou a chorar. A mãe consolou-o:

— Vais ser feliz, feliz, meu filho...

— Não quero, não quero, mãe.

Nessa noite, embora o avô e a mãe lho rogassem, Afonso negou-se a comer a teijela das bêrças.

JAMES RAWES & C.º

47, Rua Bernardino Costa

Telefones: 23232-3-4

Telegramas: RAWES-LISBON

LLOYD'S AGENTS

Agentes da:

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
(Carreiras regulares de passageiros e carga e serviço de correio entre Portugal e a Grã-Bretanha).

NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY LTD.
Estabelecida em Portugal desde 1824.
(Efectuando seguros de Fogo, Automóveis Transportes Aéreos e Bagagens)

ROYAL MAIL LINES LIMITED
PENINSULAR & ORIENTAL STEAM NAVIGATION C.º
CANADIAN PACIFIC STEAMSHIPS LTD.
HOULDER BROTHERS LTD.
LIMERICK STEAMSHIP COMPANY LTD.
Etc., etc.

SALVAGE ASSOCIATION — LONDON
LIVERPOOL & GLASGOW SALVAGE ASSOCIATIONS
BOARD OF UNDERWRITERS OF NEW-YORK
Etc., etc.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começam. Medicação por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, asrupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO



Vai ser desmobilizado. Recebou um chapéu e um par de sapatos, mas não parece muito à vontade

Avisos com utilidade

Num lugar bem visível de uma loja de Sydney está colocado este aviso: — Bife grelhado 2 xelins; Tomates e cebolas 3 dinheiros; Ovos com presunto 2 xelins e 3 dinheiros. Pedimos desculpa por não servirmos carne de cavalo.

Numa barraca favorita, nos arredores de Sydney, está escrito estoutro: Depois de acabar é favor dar o lugar a outro. Há muitos lugares livres, lá fora, no parque.

A falta de pessoal e as dificuldades provocadas pelo racionamento, obrigaram muitos restaurantes a tomar ao serviço criadas, trazendo nas ementas esta frase: — «Nunca tão pouco foi esperando, por tanto tempo, por tantos.»

Em King's Cross há um lojista que não gosta que os freqüentes mexam nos artigos expostos. Junto de um tomate estão estas palavras: — Minha senhora, tenha a bondade de não me exprimir antes de lhe pertencer.

A cortezia, nas ruas, é posta em evidência neste aviso situado nas transeiras de um grande

camião: — E' favor tocar a buzina de modo a que possamos prestar as devidas honras.

O dono de um outro carro não gosta de ser empurrado por outros veículos. Lêem-se estas palavras: E' favor conservar-se à distância.

Um homem que tinha um carrinho muito pequeno tinha esta frase: — Vá bater num do seu tamanho. Um outro preferia: — Se puder estas palavras é porque está muito perto.

(Auckland Weekly News)

Uma de Bernard Shaw

Quando eu era um rapaz novo, a Fabian Society não tinha secretário nem empregados pagos. O trabalho era feito gratuitamente por Edward Pesse, e as cartas eram enviadas da sua casa em Hyde Park Mansions.

Um dia, Bernard Shaw ia endereçar envelopes no seu gabinete e eu ofereci-me para o ajudar. Subi os inúmeros degraus e bati à porta. Ninguém respondeu. Esperei um pedaço e tentei outra vez.

Segundos depois, a porta foi aberta pelo grande homem e o que ele me disse mantém-se tão vivo na minha memória, como se o facto se tivesse passado há dias: — Quando um cavalheiro não abre imediatamente a porta você deve concluir que está no W. C. e não se demora muito.

Desde esse dia tenho ouvido muita coisa de Bernard Shaw mas poucas tão concisas como esta.

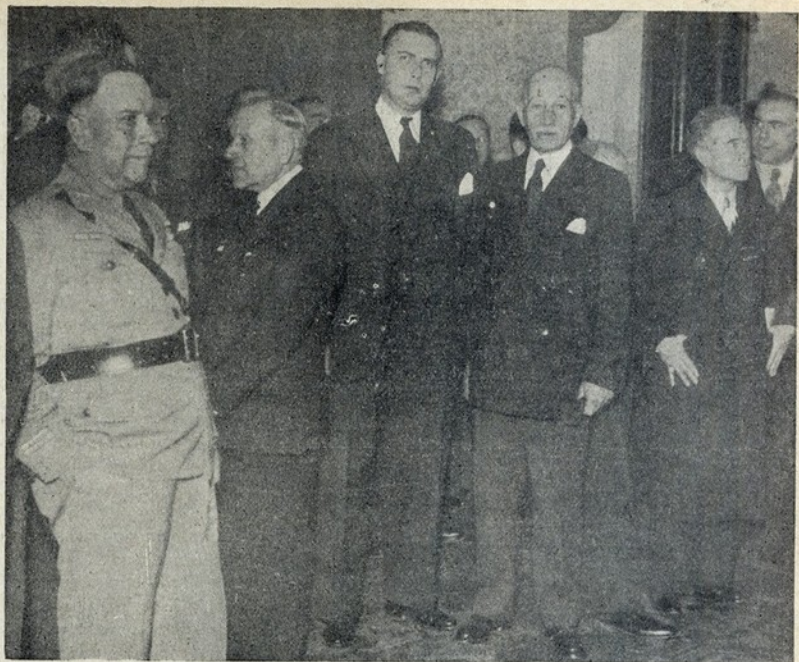
(New Statesman)

Futilidades

Uma senhora entrou numa das melhores lojas de uma cidade da Escócia e escolheu determinada fazenda para a confecção de um salote para o seu filho. Apresentou as senhas necessárias e pagou.

— Minha senhora — diz o dono da casa respectivamente — só podemos fazer salotes utilitários. São os regulamentos...

A senhora perdeu o sorriso de satisfação.



HORACE ZINO

O sr. Horace Zino, adido de imprensa junto da Embaixada Britânica, que em Portugal tem conquistado as maiores simpatias, foi homenageado na Casa da Madeira. Nascido na nossa bela ilha do Atlântico, o sr. Horace Zino é descendente de ingleses estabelecidos ali há mais de setenta anos. Nessa justa homenagem, é salientado, elequentemente, quanto quer à sua terra natal, motivo maior a justificar a sua amizade pelos portugueses.

— Só nos é permitido fazer salotes de luxo quando o cliente trás o material — continuou o logista. — Assim, se V. Ex.^a quizer, pode trazer a fazenda amanhã.

Foi o que a senhora fez.

(Weekly News)

Opiniões

John Drinkwater, o grande poeta inglês, numa viagem através do Midwest em que fez várias conferências, viu-se for-

çado a permanecer uma quinzena numa pequena quinta. Durante todo o dia a dona da casa se esmerou em trabalhos para receber o ilustre hóspede e ficou extremamente desapontada quando este lhe disse que não costumava comer antes de fazer os seus discursos.

Nessa noite, o dono da casa foi assistir à palestra enquanto a mulher ficou em casa. Conta John Drinkwater, que, quando regressou a casa e subia para o quarto, surpreendeu este diálogo entre os donos da casa.

Dizia a mulher: — que tal falou ele? Fez um bom discurso? O marido respondeu: — Não foi mau. Poderia ter comido.

Wall Street Journal

Viagem de propaganda

O Embaixador Halifax entrelinha os seus colegas com a história de uma viagem de propaganda através do estado de Iowa.

— Depois de um discurso — relatava ele — um velho fazendeiro disse-me que eu contribuíra enormemente para o es-

tratamento das relações entre os ingleses e os americanos. Perguntei-lhe porquê.



O almirante Sir Philip Vian, comandante do porta-aviões cindatigobles é condecorado por feitos em combate pelo Governê dos Estados Unidos

— Bem — respondeu ele. — Antes de o ouvirmos tínhamos medo dos ingleses. Pensávamos que eles nos queriam fazer mal. Depois de o ouvir, passaram os receios.



Na Holanda libertada, este pescador passeia, tranqüilamente, o filho que nasceu em plena guerra



HARTLEY | SHAWCROSS *

A parte de acusação confiada à Grã-Bretanha no julgamento histórico de Nuremberg tem ao seu serviço um homem da mais alta honorabilidade profissional e do mais apurado senso político, Sir Hartley Shawcross. O seu libelo, especialmente consagrado à parte dos atentados cometidos pelos nazis contra a ordem internacional, os quais se traduziram por sucessivas e sistemáticas quebras de compromissos voluntariamente assumidos, pode considerar-se exaustivo sob o ponto de vista da documentação exibida, exemplar, sob o ponto de vista jurídico e pelo rigor e fundamento das conclusões apresentadas.

A análise dos crimes praticados pelo regime nazi, cuja síntese encontrou uma tradução adequada na «conspiração internacional contra a paz» apresentada nos discursos proferidos por Sir Hartley Shawcross, em Nuremberg, foi implacável, mas de uma perfeita objectividade, severa mas de uma serenidade exemplar. Estas características fundamentais fizeram da contribuição britânica para o apuramento das responsabilidades dos indivíduos que estão a ser julgados em Nuremberg um elemento capital para a resolução justa do processo instaurado pelos vencedores da última guerra.

Existia na consciência de todos os povos livres do mundo a noção exacta de que os atentados cometidos contra a independência da Austria, Checoslováquia e da Polónia tinham tido o carácter suspeito de premeditação.

Essa prova está agora feita com uma eloquência que não admite a mais pequena dúvida, e ninguém como Sir Hartley Shawcross contribuiu para prestar esse serviço pelo qual as gerações ficarão certamente reconhecidas.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A Liga das Nações Unidas

REALIZA-SE, no próximo mês de Janeiro, a primeira reunião da Assembléa da Liga das Nações Unidas, o organismo de segurança e cooperação internacional, cuja Carta orgânica foi aprovada na Conferência de S. Francisco e mais tarde rectificada por todos os signatários. As dificuldades que rodearam a sua fundação e se traduziram em discussões intermináveis sobre o próprio texto da Carta aprovada, longe de fazerem desanimar os que acreditam nas virtudes e na eficiência da instituição, não fizeram senão redobrar os seus esforços e apurar a sua vigilância em relação aos riscos reais que, ainda, depois de cessarem as hostilidades, não deixaram de ameaçar a paz.

Os povos acabam de fazer, mais uma vez, experiência dolorosa de que é muito mais fácil fazer e ganhar a guerra do que extrair da vitória uma paz que a todos satisfaça. Esta constatação não é nova mas, nem por isso, deixa de ser dolorosa. Os homens precisam convencer-se de que a paz não é o produto de qualquer milagre nem a obra de qualquer taumaturgo, mas uma criação contígua em que as suas qualidades são cotidianamente postas à prova.

Mais uma vez as nações torturadas moralmente, arrazadas materialmente e desorganizadas politicamente, apelam para as fórmulas activas e fecundas da cooperação e da segurança, vendo nelas o único remédio eficaz para as feridas que se abriam e para as desgraças que se suscitaram e encarando-as, sobretudo, como a única solução verdadeira para evitar a reincidência em erros que, no passado, se revelaram fatais para todos e que a repetirem-se, fariam correr um risco de morte à nossa civilização e à nossa cultura milenárias.

E por isso se realizou a Conferência de S. Francisco e se redigiu a Carta das Nações Unidas, animada pelo espírito da colaboração indispensável à boa harmonia entre os povos. São evidentes e têm sido, por mais de uma vez, referidos os inconvenientes e as deficiências de que esse documento enferma para que haja qualquer vantagem em insistir nêles. Mas o seu espírito e muito das suas disposições bastam para fazer dêle o único instrumento eficaz que poderá restabelecer entre os vencedores da última guerra a harmonia e a confiança cuja falta tanto contribuiu para perturbar o ambiente em que decorreram, nos últimos seis meses, as relações internacionais.

Por outro lado, as reuniões do organismo de cooperação, dada a sua índole e finalidade, constituem o local próprio para se desfazerem mal entendidos freqüentemente provocados pela incompreensão de dirigentes com mentalidades diversas e opostas, e por suspeições, quantas vezes infundamentadas, que as polémicas excitam e as propagandas contraditórias agravam.

As lições colhidas com a Sociedade das Nações, que teve a sua sede em Genebra longe de provarem, que os princípios em que deve assentar o funcionamento da nova Liga das Nações Unidas são precários e teóricos, fizeram a demonstração irrefutável de que, sem a sua aplicação paciente e bem intencionada, nada de proveitoso poderá realizar-se no sentido de se restabelecer no mundo uma paz justa e duradoura. É por isso que, em toda a parte onde os sentimentos pacíficos dos povos sejam lealmente reconhecidos e acatados, a próxima sessão da Assembléa da Liga das Nações Unidas, será, certamente, saudadaco como uma esperança e uma garantia.

O OBSERVADOR

O debate dos Comuns

O debate que acaba de se realizar na Câmara dos Comuns sobre política interna, seguindo-se àquêle que recentemente teve lugar no mesmo recinto sobre a política externa da Grã-Bretanha, serviu para definir as intenções do novo governo levado ao poder pelas eleições de 5 de Julho. Embora o programa desse governo fosse conhecido nas suas linhas gerais, constituindo o motivo principal da campanha eleitoral vitoriosamente conduzida pelos seus chefes, era indispensável que, decorrido algum tempo sobre o êxito do partido na consulta ao eleitorado e depois dum contacto estreito com as realidades que só o exercício do poder revela com suficiente nitidez, se fizesse o balanço das realizações alcançadas e se definissem os planos das medidas a efectivar nas tempos mais próximos.

Foi para alcançar êsses objectivos que se realizaram os recentes debates nos Comuns os quais serviram para demonstrar que a Grã-Bretanha continua a ser um dos factores fundamentais da vida internacional.

A circunstância de eles terem usado da palavra as figuras mais representativas da política britânica na actualidade, os srs. Attlee, Bevin, Morrison e Cripps, pelo governo, e os srs. Churchill, Eden e Lytton, pela opposição, valorizou extraordinariamente os debates dos Comuns e serviu para demonstrar até que ponto funcionam com perfeita regularidade e eficácia as instituições parlamentares na Grã-Bretanha.

O conceito de soberania

Num ponto estiveram de acordo os srs. Eden e Bevin quando proferiram os seus discursos no debate que sobre política externa se travou na Câmara dos Comuns. Ambos demonstraram que não será possível entrar num período aberto de paz estável e duradoura, enquanto se não ajustar o conceito tradicional de soberania nacional ao ritmo do progresso técnico, das exigências económicas e da evolução social. Esta verdade, posta em relevo por dois homens de Estado britânico, que embora militando em partidos opostos possuem uma larga experiência da vida internacional e das suas exigências actuais, tem sido objecto de referências calorosas na Imprensa de todos os países onde os problemas da paz são acompanhados com interesse.

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogrevura, Lda. — Travessa do Oliveiro, à Estrêlo, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



As mulheres dos Serviços Auxiliares da Marinha têm, também, uma missão social a cumprir. Esta, por exemplo, informa-se das condições de vida de um marinheiro



O pai desta criança está no mar, mas nada falta ao filho, porque as «Wrens» visitam diariamente os seus lares

COMO A INGLATERRA PROTEGE OS SEUS MARINHEIROS

Defendendo o seu país, em todos os mares do globo, êles sabem que a nação, através de uma das suas mais belas e poderosas instituições, trata dos seus lares com acrisolado carinho

A história verdadeira e fundamentada da acção da Marinha de Guerra inglesa, a gloriosa Royal Navy, no último conflito, está ainda, em grande parte, por fazer. Desde que se iniciaram as hostilidades na Europa, em Setembro de 1939, até que cessaram, definitivamente, na Ásia, em Agosto de 1945, durante seis anos de lutas, de combates, de canseiras e de sofrimentos, nada pôde superar a abnegação desses homens desde o mais categorizado almirante ao mais modesto grumete. Quis o acaso da

guerra que lhes fôsem confiadas as missões mais árduas e espinhosas. Nenhum deles faltou ao cumprimento do seu dever e todos, pelo contrário, souberam exceder-se a si próprios.

Os marinheiros ingleses andaram nas travessias arriscadas dos submarinos e na tarefa exaustiva dos combóios, bateram-se heróicamente no Mediterrâneo e no Pacífico, consumiram as suas melhores energias em longas vigílias de escuta incansável, no Ártico e no Atlântico, traçaram, com o seu sangue e o seu esforço,

a página mais brilhante das tradições navais da Inglaterra. Ninguém os excedeu e, certamente, poucos os igualaram. Só por si, a contribuição da Armada Real no esforço de guerra britânico serve para o justificar e exaltar amplamente.

Muitos desses heróis obscuros foram obrigados a passar a maior parte do período prolongado, que a guerra durou, longe das suas famílias e, o que é mais impressionante, sem possibilidade de receberem quaisquer notícias de parentes e amigos. Compreende-se, facilmente, que



Um novo relatório vai ser entregue na secção respectiva. O marinheiro, chefe de família, está no Extremo Oriente



Uma chefe das «Wrens» dá instruções a uma das filiadas para percorrer algumas casas de marinheiros embarcados



A «mamã» está a trabalhar numa fábrica e a «wren» oferece um passeio ao pequenino «casal»



A mulher do marinheiro adoeceu, mas ele não tem que ter preocupações. As «Wren» lá estão para cuidar de todos os lares

a depressão moral, que, inevitavelmente, surgiria como consequência desse facto, só pudesse ser evitada desde que no espírito dos interessados houvesse a convicção fundamentada de que, durante a sua ausência forçada, os entes que lhes eram queridos estavam ao abrigo, não apenas de todas as necessidades, mas também protegidos contra todos os riscos e transtornos.

A grande família, em que se transformou a nação inglesa no decurso das hostilidades, conseguiu, no meio da

perturbação e da inquietação provocadas pela evolução da luta, pelas suas alternativas e pelos ataques incessantes que a aviação inimiga, primeiro, e depois as armas V, de tão terríveis efeitos, criar e manter um serviço auxiliar que se comportou exemplarmente, tornando-se os seus elementos crêdores do reconhecimento geral.

Cada marinheiro sabia que a sua família, em caso de doença ou faltas de qualquer espécie, seria imediatamente socorrida e que lhe seria for-

(Continua na página 30)



E é, até, por intermédio das «Wren» que os homens da Marinha de Guerra recebem as notícias da família



E a própria mãe, doente, pode descansar nas «Wren» os cuidados dos seus filhos

CHEGOU O PAI NATAL

ESTE ano deve trazer o saco carregadinho de brinquedos. Acabou a guerra. Todas as almas têm uma esperança mais alta e mais bela. O Pai Natal não distingue entre crianças ricas e crianças pobres. Para ele são todos iguais — olhos de estrelas, mãozitas róseas de anjos, asas de ilusão e de sonho, voando inocentes para além da materialidade da vida.

Na sua viagem, através das nuvens, percorreu estranhos países do céu. O frio nevou-lhe as longas barbas patriarcais e demorou muito no caminho antes de cá chegar. Pediu ao bom Deus que perdoasse todas as maldades pequeninas, porque os pequerruchos, doces almas, não sabem ainda o que fazem. A misericórdia divina envolveu-os a todos. São as flores da terra e para eles, até ao Natal, arderão todos os luzeiros do céu.

Agora já sabem, meus meninos, muito calados, até à grande noite da vigília do Natal! Quando ouvirem, na chaminé, um pequeno ruído, deixem-se estar quietos, sossegadinhos, porque ao outro dia encontrarão no sapatinho, mesmo que seja tóto, um lindo brinquedo — o brinquedo de 1945! E se não tiverem nada reparar nos olhos, das vossas mãezinhas. Nas suas lágrimas de ternura brilham todos os astros do céu!



O "NASCIMENTO" NA PINTURA



«A Adoração dos pastores», de Champaigne
(Wallace Collection, Londres)



«A Virgem e o Menino»,
escola de Verrochio
(National Gallery Londres)



«A Virgem e o Menino»
por Baldonetti
(Museu do Louvre, Paris)



«A Anunciação», de Murillo
(Wallace Collection, Londres)

MAIS de que o mundo profano é o mundo religioso que domina a pintura. Dir-se-ia mesmo que o homem ao empregar pela primeira vez as tintas, quiz exprimir a sua alma, o seu sonho e a sua crença. Não é um mero simbolismo dizer que Fra Angelico pintava de joelhos. Pintava e rezava! Para ele, êsses dois actos fundiam-se na mesma atitude espiritual! Adoração a Deus e adoração ao belo.

Era o primeiro pintor que enxergava o céu. Outros vieram depois na Renascença; sucederam-se as escolas; a arte revestiu-se, em cada país, de uma expressão própria, mas a religião foi sempre o tema prodigioso e inesgotável dos artistas.

Evidentemente, ela não representa a totalidade da matéria plástica, mas é curioso frizar que, em certos casos, quando o assunto eterno não é abordado, a lição dos grandes mestres religiosos, através do estilo, tem servido de inspiração viva e actuante: o caso de Rosseti.

Entre os temas religiosos, sem dúvida, o Nascimento do Menino tem sido o mais procurado pelos pintores de todos os tempos. A representação escolástica dos primeiros artistas, em que a visão substitua a realidade dos modelos, seguiu-se, como era natural, a representação específica das figuras.

Copia-se do modelo vivo, mas com uma transposição dada pelo poder emotivo do artista e pelo uso de graça que nele se desenvolve, paralelamente, à oração plástica. Ele vê, digamos, nas formas materiais, para além delas, marcando em sombra ou em luz, a presença espiritual, sobrenatural, das figuras que interpreta. Ora com cores, buscando um compromisso entre a terra e o céu, o que foi e o que era, a verdade temporal e a verdade eterna. É possível pois, rastrear nos nascimentos não, apenas, o grau da sensibilidade emocional do artista, isto é, o



«A Virgem e o Menino com S. João Baptista e dois Anjos»; por Sarto
(Wallace Collection, Londres)

seu influxo religioso, mas ainda, o que mais importa, os tipos racionais de cada país e o supremo consenso da beleza feminina na sua pureza imaculada, em épocas distantes, de que existem, afinal, tão poucos documentos.

Por exemplo: a Virgem Maria, italiana, modelada por Rafael, é igual na transparência luminosa e na doçura do semblante, à de Murillo ou de Moralles? Não! Assim como não o é, a Virgem dos mestres portugueses. O prototipo da primeira, a da Renascença italiana, sorri com alma e não com os lábios. Imaterial, desmaterializou-se! O modelo vivo, se existiu, foi vencido pelo idealismo do artista. Este pode ter partido da realidade, mas só lhe aproveitou as linhas gerais da estrutura, tudo mais são como que velaturas de sonho, de êxtase, de arrôbo! Já o espanhol, mesmo o grande Moralles, inigualável nas suas madonas, é mais verista. Não subtiliza. A Virgem, de Velasquez, austera e grave, define um tipo concreto de mulher espanhola. A Virgem deixa, digamos, de ser simbólica, para ser humana.

Os pintores portugueses são de todos os mais apaixonados e poéticos. Há neles um lirismo bucólico. Toda a sua arte, como todo o seu amor, se concentra, sobretudo, à volta do berço luminoso. É um menino róseo, inocente, mesmo tosco, que domina as representações da Natividade. Entre o presépio verdadeiro e o decorativo plástico, os artistas portugueses vão pelo primeiro. Mesmo as outras figuras, apesar da sua transcendência, como se apagam à volta dessa maravilhosa estrêla de ouro...

Não são as roupagens, as colunas dos templos que êles procuram, mas a arribana humilde de Belém, tão pobrinha e nua, com os animais à mangedoura, numa tradição de estilo pastoril, que ainda hoje se mantém.

E talvez mais bela, embora menos artística essa expressão. Mais bela e mais humana!

R. P.



«A saúdação angélica». Escola flamenga do séc. XV
(Museu do Louvre, Paris)



«A Adoração dos Magos», de Velasquez
(Museu do Prado, Madrid)

A EXPRESSÃO NA RÁDIO

NEM sempre os grandes dramas humanos são visíveis através da máscara que os intérpretes mostram ao público.

Uma grande tragédia demonstrada no prosaíco diante de uma multidão ávida de sentimentos emocionantes, pode conter menos intensidade do que outra vivida a ocultas num estúdio radiofônico.

O público, é certo, vê em tantos casos, a superfície das coisas. Isto é, mais com a impressão visual do que com os olhos da alma.

Por maior que seja o poder expressivo da máscara do comediante, há sempre qualquer coisa de subtil que se torna imperceptível à compreensão de quem olha.

Talvez o leitor entusiasta admirador das grandes manifestações histriônicas, ache esta opinião errada.

Mas, talvez não seja.

Há extraordinários dramas que o espectador não vê mas que nem por isso deixam de ser menos impressionantes.

(Continua na página 30)



E' Agnes Moorhead, estrela da Rádio americana. Interpreta como se sentisse postos nela os olhos dos seus milhões de ouvintes



Chora, nesta passagem. Está vencida, talvez disposta a submeter-se



E' um monólogo radiofônico, trágico, evidentemente. Dir-se-lá, neste momento, que diante dela se desenrola uma cena horrível



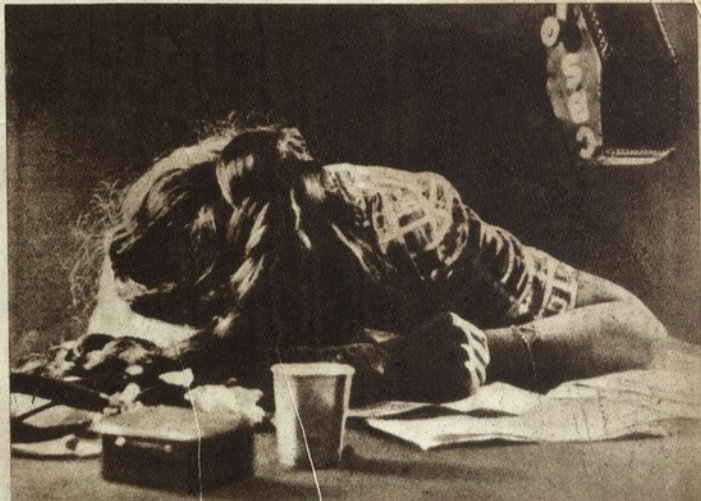
Mas reage. Os punhos cerrados parecem encerrar toda a energia que as rugas da testa reflectem



Quando as mãos se abriam. Porém, tôda a energia se foi. E um soluço estrangula-lhe a garganta, num último esforço para reprimi-lo.



Não posso mais! Deixem-me, Deixem-me!



E ficou vencida, esmagada, infinitamente infeliz... no final do monólogo radiofônico



É já um sorriso de felicidade. Os olhos estão distante e talvez vejam... — quem sabe? — o véu erguido, suavemente, na igreja, para o primeiro beijo, quando o órgão... Sim, tal qual como no cinema



A primeira prova. O vestido, só, ainda não lhe diz nada. Lembra-lhe o primeiro vestido de baile, muito branco, muito vago, como os seus sonhos



Ela está indecisa. Tantos e tantos figurinos, tantos e tantos modelos e todos eles tão lindos!...

VESTIDO DE NOIVA



Ainda não posso pôr o véu? Vamos: com um pouco de imaginação, meninas de dia



seguirá vê-lo no espelho, ondulante, enorme, erguido, lá atrás, nas mãos pequeninos rosados e irónicos

SONHA com ele desde o primeiro contacto do baton com os lábios úmidos, desde o primeiro baile, desde que o espelho lhe disse que era bonita. (Vaid sa! Quem lhe disse que era bonita? Só o espelho?). Quando teve autoridade para escolher os seus vestidos (foi depois do primeiro contacto do baton, às escondidas, e muito depois do espelho lhe ter dito que era bonita) era sempre aquela página dos figurinos tãda manchada de branco, com seus imponderáveis que mais tempo ficou diante dos seus olhos. Ah! Se pudesse escolher já, já, este! Foi porém um saia-e-casaco muito simples, mas... Não é verdade que tem uma grande ternura por esse saia-e-casaco castanho, fora de moda, que já não veste? Desceu, um dia, o Chiado com ele — o saia-e-casaco — e ele — Ele — passou no passeio do lado de lá. Depois...

É sempre — ou quase sempre — como nas comédias banais de exportação cinematográfica ou como nos romances da Delly, não é verdade?

Por isso tem tanta ternura por esse saia-e-casaco castanho, fora de moda, que já não veste. Não é que tivesse a menor influência, sim, porque o espelho sempre lhe disse que era bonita. Mas vestiu-o, precisamente, nesse dia.

Depois... Sim, depois, como foi difícil escolher! Eram toques tão lindos! Mas escolheu e quando o vestiu pela primeira vez é o espelho lhe disse que era ainda mais bonita, naquela sala elegante, da modista, para a última prova, sentiu-se quase tão feliz como no outro dia, o dia maior, quando Ele lhe levantou, suavemente, ternamente, o véu e... O órgão tocou uma marcha nupcial igualzinha a todas as marchas nupciais, nem sequer sentiu a passadeira muito fofa debaixo dos pés, atravessando o adro, nem as pétalas de rosas que lhe atirou aquela gente tãda, comprimida dum lado e doutro.

É sempre assim... como nas comédias banais de exportação cinematográfica e nos romances da Delly...



Ei-lo! Exactamente como no grande dia. Dê-se-la coroad de rosas brancas...



Também estas costureirinhas sonham com o vestido de noiva que há-de ser o seu

A INGLATERRA NO MUNDO

E' ÉSTE O PRIMEIRO NATAL DEPOIS DA GUERRA. QUE A PAZ REINE ENTRE OS HOMENS E, COM ELA, HAJA PÃO E LIBERDADE PARA TODOS



Os japoneses foram vencidos e os rapazes da Marinha de Guerra inglesa, sempre vitoriosos, divertem-se, agora. Estes assistem a um espectáculo, em Guam, que deve ser uma fábrica de optimismo

A MOCIDADE DA CHINA



Dois pequeninos chineses perderam toda a família, na guerra. Mas os rapazes de uma formação da R. A. F. adoptaram-no e um oficial mostra-lhes, nesta fotografia, uma revista inglesa



Lord Luis Mountbatten, comandante Supremo das Forças inglesas no Sudeste da Ásia, recebe os cumprimentos das autoridades birmanesas depois da derrota dos nipónicos



UMA PRECE PELO REI

São homens notáveis da Birmânia, onde os ingleses lutaram heroicamente para expulsar o invasor japonês. Estes birmaneses reúnem-se, numa cerimónia característica, em acção de graças por terem podido voltar a Rangoon



Estes lanças-chamas, que durante o ataque à Alemanha foram decisivos, empregam-se, agora, para destruir pragas de insectos que invadem as culturas e já foram utilizados para aniquilar, na Grã-Bretanha, pragas de gafanhotos

A RECONSTITUIÇÃO DA HOLANDA

Civis japoneses são internados no campo de concentração de Stanley onde, antes, tinham sido turturados soldados ingleses durante os anos trágicos da bárbara ocupação nipónica das possessões do Extremo Oriente



O ALMIRANTE FRASER FALA AOS AUSTRALIANOS

O almirante Sir Bruce Fraser, comandante-chefe da Marinha de Guerra Inglesa, no Pacífico, foi homenageado pelo Governo australiano, vendo-se neste momento a falar ao microfone, durante a cerimónia



Merry Christmas, Soldados ingleses!

Os soldados ingleses confraternizam. Adoram cerveja e, sobretudo, se ela é servida por uma rapariga bonita



Civis alemães são evacuados da zona industrial do Ruhr, onde as autoridades aliadas destruíram instalações alemãs de fábricas e material de guerra

PROTECÇÃO ÀS CRIANÇAS ALEMÃS



O ÍDOLO DUM TEMPLO HINDU

Este soldado inglês, que esteve num campo de concentração, em Singapura, durante a ocupação nipónica, visita agora, com bastante curiosidade, os locais mais pitorescos da cidade, onde estes ídolos são frequentes



O dr. Bell, bispo de Chichester, visitou Berlim e conversou com a população, que começa a sentir os meiores rigores da estação, acerca das suas necessidades

REGIMENTOS CELEBRES DA GRA-BRETANHA

O «BLACK WATCH» (Real Regimento Escocês)

pelo Major T. J. EDWARDS

O magnífico espírito combativo dos escoceses tem fama mundial e os homens do «Black Watch», o mais antigo regimento escocês, são belos representantes daquela raça intrépida e robusta. O regimento, que foi formado em 1739, começou sob a forma de Companhias Independentes, em 1725. O nome «Black Watch» julga-se que deriva da cor escura do xadrez dos seus salotes e dos deveres que as sentinelas tinham de cumprir nas montanhas turbulentas da Escócia.

O regimento recebeu o baptismo de fogo em Fontenoy, em 1745, onde a bravura indomável dos seus homens, na arremetida contra o inimigo, lhes valeu o nome de «Fúrias Escocêsas».

Nos seus primeiros tempos ganharam louros nas Antilhas, na América do Norte, na Índia e no Egipto (1801), e os serviços prestados neste último teatro de guerra foram comemorados pela Esfinge que se vê nas insígnias regimentais.

Serviram sob as ordens do Duque de Wellington na guerra peninsular e na grande batalha decisiva de Waterloo (1815), sendo um dos poucos regimentos mencionados, especialmente, pelo Duque, por serviços notáveis



prestados. Bordados na sua bandeira regimental estão os nomes de muitas batalhas importantes da guerra da Crimeia, da revolta da Índia, do Egipto (1882, 1884), da Africa Ocidental e da Africa do Sul, que constituem um resumo dos múltiplos serviços prestados em campos de batalha, espalhados por quase todo o mundo.

Durante a Grande Guerra de 1914-18 formaram-se nada menos de 25 batalhões que se assinalaram em França, na Flandres, na Macedônia, no Egipto, na Palestina e na Mesopotâmia. Alguns batalhões pertenceram à célebre 51.ª divisão (escocês) que ganhou fama imorredoura nas campanhas da França e da Flandres.

Durante a última guerra o «Black Watch» granjeou lustres adicionais para a sua história já gloriosa e enalteceu mais uma vez a reputação da 51.ª divisão (escocês). Foi esta divisão que combateu tão heroicamente contra o inimigo imensamente mais numeroso e mais forte e a sua abnegação permitiu que numerosas outras tropas britânicas pudessem escapar de Dunquerque.

Na ressuscitada 51.ª divisão, que pertenceu ao 8.º exército agora de fama mundial, o «Black Watch» vingou amplamente os seus antepassados regimentais ajudando a levar o

(Continua na página 29)



1815 — a batalha de Waterloo



Em perseguição dos Boers, 1899-1902. O «Black Watch» descansa a leste da Pretória



Chamada do primeiro batalhão do «Black Watch» junto do seu aboletamento na Flandres, em Abril de 1917



1914 1918 — O «Black Watch» e os índios ocuparam um sector importante da linha perto do posto de Fauquissart que defendia Calais



Antes de 1939. O segundo batalhão do «Black Watch» passa junto do Cenotáfio, em George Square, Glasgow



Um exercício realista de treino, no princípio da guerra, o «Black Watch» avança numa carga à baioneta por cima de trincheiras ocupadas



Exercícios de desembarque de barcos de assalto



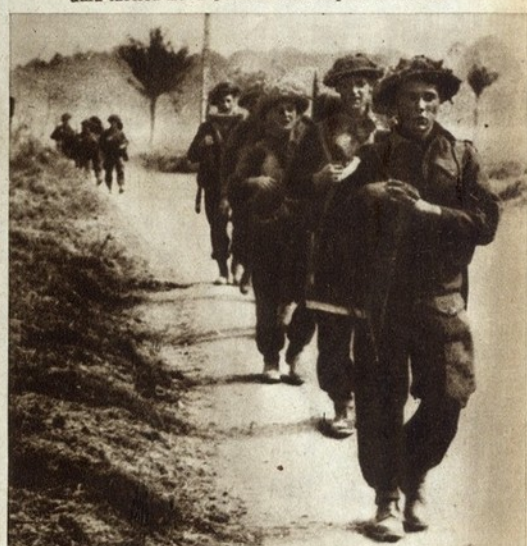
Elegância na zona de batalha de Tunísia! Os tocadores de gaita de folles do «Black Watch», a quem é permitido usar saíotes, esperam a sua vez para passar a ferro os seus uniformes



Um batalhão do «Black Watch», com as suas gaitas de folles à frente, entra em Gabes, perto de Tunis



Escoceses entraram em acção na batalha de Waterloo agarrados aos estribos dos soldados de cavalaria. Em África, entraram em acção encarrapitados sobre tanques, uma tática nova que contribuiu para a vitória



Na Normandia, em 1944



Começemos por dizer que o desenho é notável. E, a fase do jogo, emocionante: uma jogadora que cai, o «stick» quasi a disparar a bola e um chapelinho que foge...



Parece-nos que foi um escândalo, quando estas jogadoras se atreveram a apresentar-se com esta equipa...



...Sim, porque só assim, na época vitoriana, é que estava certo

O "HOCKEY" DAS NOSSAS AVÓS



E quais foram as que ganharam? Ignoramos. Nós julgamos que as das saias curtas tiveram tódas as probabilidades



Bravo! Um lindo sorriso. Até o chapelinho parece o último grito da moda, para o próximo verão. Talvez seja uma idéia...

AS jovens leitoras, cem por cento desportivas, cem por cento cinéfilas e — digamos, para contraste — cem por cento vitamínicas ou vitaminadas, como quiserem, sentirão, com certeza, himalalás de horror, impetos irresistíveis de riso, bombas atômicas de gargalhadas explodindo, impetuosamente, olhando para estas duas páginas. Mas, com franqueza, parecem-vos, assim, tão ridículas essas raparigas desportivas de há vinte ou trinta anos, com as suas saias negras até aos pés, a embarçar-se no «sticks», e o chapelinho de palha preso pela tênue rede branca? Aquêlê senhor de barbas, muito grave, que na gravura da esquerda marcha à frente do «team» é, temos de confessá-lo, irresistível. Evidentemente, que não somos capazes de supôr como é que jogarão o hockey as raparigas daqui a vinte ou trinta anos. Mas quem sabe se elas não sentirão a mesma explosiva vontade de rir, vendo uma dupla página como esta em que estas fotografias fossem substituídas por autênticos documentos de hoje.



Apesar do comprimento da saia, não se pode dizer que não corra bem. Mais um passo e a bola parte como um relâmpago para a rede adversária



Os «sticks» chocam-se «violentamente» e não se sabe qual delas apanha a bola



Ué! Até que enfim! Acabou a primeira parte

NATAL DE 1945

Na quadra festiva que vamos atravessar desempenham um papel primordial os vinhos regionais portugueses que figuram nas mesas das casas particulares, hotéis, restaurantes e bars. Constituem estes vinhos, hoje já de projecção universal, uma das mais valiosas rúblicas da nossa exportação. São os vinhos do Porto internacionalmente conhecidos, os da Madeira, apreciados em todo o mundo, os Espumantes Naturais que podem rivalisar com os seus mais afamados congéneres da região da Champagne os Brandies que nada tem a invejar aos seus categorizados conhaques e ainda, como seus sucedaneos, os nossos Licores.



Se é incontestável que os vinhos regionais portugueses tem hoje um lugar bem vindo e nos mercados internos e nos países importadores, não é menos certo que os licores entre nós fabricados rivalizam já com os seus congéneres de origem estrangeira, tanto nas suas qualidades que não deixam a desejar como pela inextinguível apresentação, e isto com mantida vantagem para a Economia Nacional. Está neste caso a Fábrica «Licors Mundial, Lda» com sede na rua do Século, 9 e representada no Porto por Freitas & Freitas, Lda Rua da Fátima 450 tecnicamente dirigida por José Gonçalves Coelho, que apresenta os seus licores marca «Jockey» de que sobressaem as especialidades Dry Gin, Old Tom Gin, Anisado Refinado, Triple Seco, Cherry Brandy e Cocktails. Na nossa gravura veem-se dois curiosos Bares de artística apresentação e que constituem um originalíssimo brinde para esta quadra festiva.

Os vinhos da Madeira LEACOCK

Estes vinhos figuram sempre nas boas mesas tanto particulares como nas dos Hotéis, Restaurantes e Bars, e a sua exportação após a guerra e restabelecidas as relações comerciais, voltará a atingir os importantes valores dos tempos normais.

São muitas as marcas hoje bastante acreditadas tanto no mercado interno como nos externos, mas uma delas há que merece especial referência, a Casa Leacock, a mais antiga firma britânica fundada na Ilha em 1760, com filiais nos mais importantes pontos do País e do estrangeiro, e que abarca várias modalidades na indústria agricultura e comércio locais.

Os seus vinhos «Malvazia», «Sercial Velho» e «S. João» são já os preferidos pelos entendedores, não só pelas excepcionais qualidades do produto como ainda pela sua cuidada apresentação.



A artística toalha de mesa de fundo desta quadra é um interessante trabalho da Madeira, adaptado pela casa Leacock.

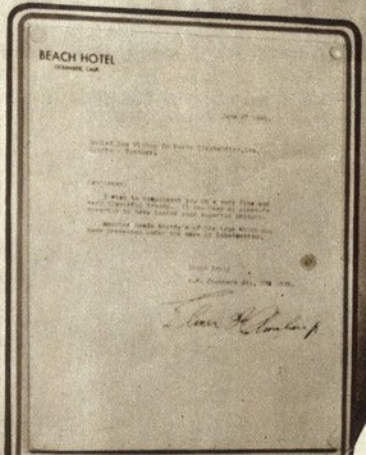


Uma das mostras do luxuoso «Galo d'Oiro» o notável estabelecimento das Arcadas do Parque Estoril, com o Graham's Port, vazado ao centro três sarrasas de antigo cristal inglês contendo o precioso nectar.

Foi em 1820 que William & John Graham & Co. encetaram na Capital do Norte do comércio dos vinhos do Porto conservando-se ligados à Firma Guilherme Graham & Co. de que há poucos anos se separaram mantendo sempre, todavia, as mais íntimas relações. Durante este largo período, exportaram das mais finas qualidades destes vinhos, quasi oitenta e cinco milhões de litros, principalmente para os mercados ingleses.

BELARTE

A AMÉRICA FALA...



TRADUÇÃO
Junho, 27 - 1945

BEACH HOTEL
Ocean Side-California

SOCIEDADE DOS VINHOS DO PORTO
CONSTANTINO L. DA - Porto - Portugal.

Senhores:

Desejo felicitá-los pelo vosso fino e saboroso Brandy. Tive recentemente o prazer de experimentar a superioridade do vosso produto.

A América necessita de brandies do tipo que V.S.as apresentam sob o nome de Constantino, sinceramente vosso

a) E. W. Chambers Jr, C. R. M. - USNR.

...do Brandy CONSTANTINO



Os Espumantes Naturais, cuja genuinidade o Estado defende com adequada legislação, são de há muito os vinhos obrigatórios em qualquer mesa de categoria, quer nos lares privados, quer nos hotéis, restaurantes e bars, e nas festividades periódicas ou em comemorações familiares. As Caves Vice-Regal, da Vinícola Monte Rosa, L. da privilegiada região de Anadia, tem obtido assinalado êxito com as marcas que apresentam ao consumo o Superreal, Estrela Branca, Asas de Portugal e Reserva. São os seus agentes

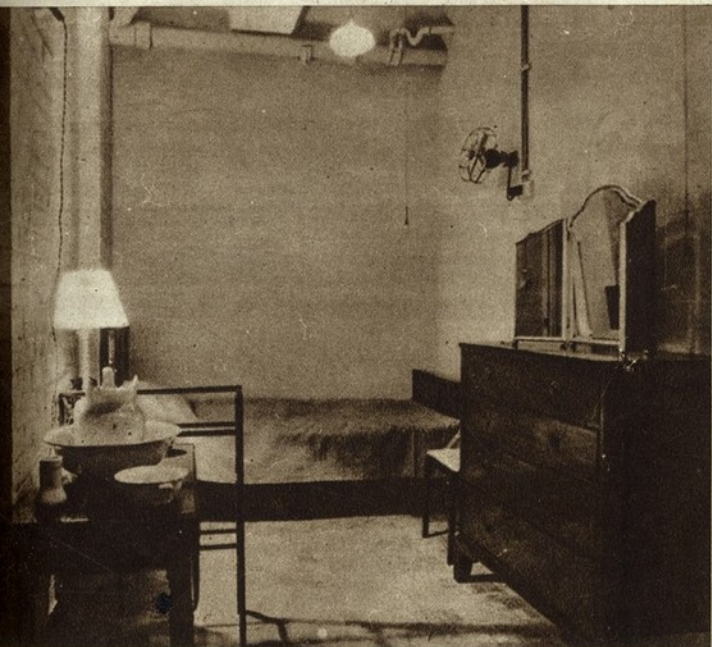
no Porto M. Leitão, rua Cândido dos Reis, 21-1.º dt.º e em Lisboa rua de S. Paulo 146, 1.º e 2.º, telef. 27292 que também representa afamadas marcas de vinhos do Porto, Madeira, Jerez, Whites e cervejas inglesas e americanas.

ARODILES E

AQUI CHURCHILL COMANDO A GUERRA



Nos anos mais críticos da guerra, quando as botas altas nazis calcavam a França, até os Pireneus, e na costa da Mancha os canhões nazis estavam apontados à Inglaterra, Churchill viveu aqui, a umas dezenas de metros de profundidade, no sub-solo de Londres. Foi desta sala simples, quasi pobre, com uma mesa, uma cama e um mapa enorme, que irradiaram as ordens decisivas que conduziram os Exércitos das Nações Unidas à vitória



Churchill dormia neste quatinho sem conforto, nas pouquíssimas horas de repouso que lhe ficavam em cada dia de luta



E nesta saleta o grande «Primeiro Ministro» tomava as suas refeições, só. Dever ter sido aqui, entre quatro paredes estreitas, que meditou nos mais graves problemas da guerra

CIÊNCIA PELA IMAGEM

Qual a intensidade de voz nos animais de circo?

O velho adágio «cão que ladra não morde» foi, recentemente, desmentido ao descobrir-se, cientificamente, que os mais ferozes animais do famoso circo americano Ringling Brothers-Barnum Bailey têm talvez a voz mais humilde do que a de qualquer outro animal de grande certame. Descobriu-se, por exemplo, com auxílio de um medidor de som da General Electric, que dois dos mais ferozes gorilas do circo rosnam com a intensidade de 78 decibels (o decibel é a unidade de som), enquanto que, em condições idênticas, um pequenino canário chilreia com a intensidade de 77 decibels. «Leo», o leão, quase que perdeu o seu ceptro de rei

(Continua na página 30)

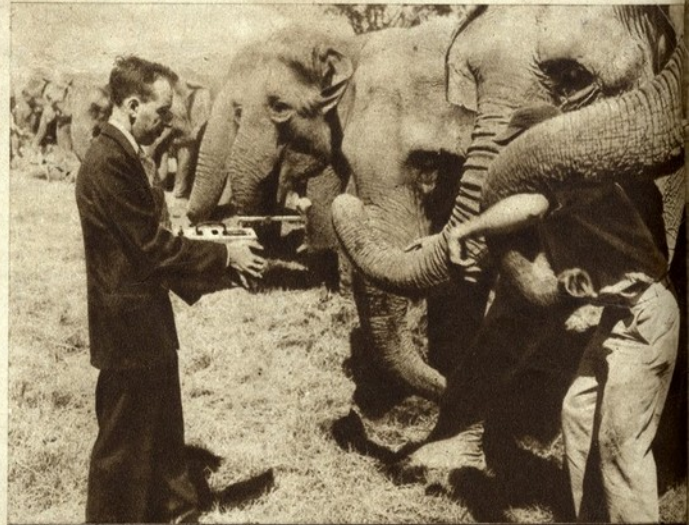


Quem diria que esta terrível «boa constrictor» tinha uma «vozinha» tão meiga?...



«Gargântua», o feroz gorila, «fala» como uma donzela tímida

O hipopótamo, surpreendeu todos por o volume da sua voz ser superior ao que se esperava →



○ Elefante, sério competidor do rei dos animais, «fala» perante o medidor de som



PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

CHAPÉUS

USAM-SE menos fenômenos, o que é ótimo, pois, assim, se os cavalheiros quiserem rir-se, terão de procurar outro assunto.

Há certas regras a que as senhoras devem obedecer:

— *Rosto largo e cabeça grande* ficará mal com o modelo de copa larga e aba estreita.

— *Rosto miúdo* ficará mal sob aba muito grande e copa alta.

— *Nariz grande* fugirá de solideo, resplendor e do *page-hate*; exigirá sempre uma aba.

— *Pele clara, tons escuros.*

— *Pele morena, evitar castanho.*

— *Rosto fatigado, preferir chapéu caído para os olhos.*

— *Muito pequenino*: ter o cabelo bem preso.

— *Grande*: soltar o cabelo.

— *Fugir de*: açafate de compras, cartola de faz-tudo, combuquinha exótica, cartucho de palhaço, ceira do talho, arandela de candelabro...

MAÇAS

Pudim

250 grs. de miúdo de pão amolecido em água com anis. Esmagar com um garfo. Juntar igual volume de marmelada de maçãs bem espessa e uma colher de rum. Açucarar. Misturar bem e cozer no lume, mexendo com frequência, durante 15 a 20 minutos.

Deitar numa saladeira molhada e pôr no frigorífico ou em água com gelo.

Cobrir com qualquer compota.



Tentadoro

Apresenta a mais rica coleção de peles importadas, directamente, dos países de origem a preços sem competência nos seus estabelecimentos

R. DO CARMO, 29-30

R. DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X.

2 0 7 8 4

L I S B O A

Uma meia feita
Outra feita por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158
L I S B O A



Um vestido de noite, cujo modelo, de rara elegância, o Harper's Bazaar oferece às nossas leitoras

COLEÇÕES DE PARIS

Continuam a exhibir-se os últimos modelos, nesse desfile de grandes casas que deixa as mulheres tentadoramente sonhadoras.

Martiat et Armand

— *Bons tailleurs*. Capinhas curtas. Ombreiras trabalhadas. Um lacinho engraçado no alto da manga. Alguns quimonos mas também mangas lisas. Botões dourados. Abas com roda atrás, descendo suavemente.

Jersey cinzento claro em confortável casaco pelo joelho. Uma banda de pele vem dos ombros e forma algibeiras que têm a fenda vertical.

Notas de côr, bem engraçadas: gola-escapulário em malha rosa sobre cinzento; uma charpa cauda de galo com sala-e-casaco em jogo de damas castanho, beige e branco; um vestido côr de rosa salpicado de branco, guarnecido com bordado acolchoado em que aparecem vários tons de rosa, do velho ao *shoking*, e ao cereja; um *empiècement* amarelo circundando a *cabochons* garante um vestido de malha preta.



OATINE

Os célebres cremes ingleses — OATINE SNOW, e OATINE CREAM — de fama Mundial, que restauram e mantêm o encanto juvenil da pele

Outros produtos OATINE
Perfumes — Sharong Bouquet

Sabonetes

Lavender Water e Eau de Cologne

Pó d'Arroz

Creme de BARBEAR com e SEM PINCEL

Loção para DEPOIS de barbear, etc.

A' venda nas
boas casas

OS CÉLEBRES CREMES
INGLÊSES





D'ARGY

CREME DE BELEZA VITAMINADO, PÓ DE ARROZ E ROUGE



MANUEL DE CAMPOS PEREIRA

E O PARAÍSO VOLTOU . . .

de Manuel de Campos Pereira

SE a crítica literária não fosse entre nós modo pretensioso de considerar o trabalho alheio sem compreender o que de humano, de sofredor, de intencional há num romance ou num poema, os escritores teriam, de certo, uma observação justa ou um juízo compreensivo das suas criações espirituais. Infelizmente, nem sempre preside ao julgamento de uma obra literária a porção de simpatia que deve animar o comentador ao traçar a primeira linha do artigo em que expõe a sua sentença julgadora. Dêste facto resulta a anómala dualidade: ou o escritor é reduzido a zero ou é proclamado génio. Em qualquer dos casos, o erro e a injustiça são evidentes. Não pode haver desvalor total em obras de arte, como é insincero considerar génios todos os escritores. A falta de análise é tão nociva à obra criticada como o derrotismo crítico ou o elogio inconsequente. Em alguns casos uma obra literária pensada, sofrida e realizada durante um longo período de dolorosa ansiedade, pode ser reduzida a pó por uma eructação de qualquer suspeito plutarco mal humorado. Assim, a crítica, cuja missão é a de esclarecer e compreender, torna-se negativa quando da sua fálvel cátedra sentença o seu dogmatismo invulnerável.

Quando ao escrevedor lhe é gostoso referir-se a obra literária de indiscutível valor — e é este o caso presente — surge uma interrogação no seu espírito: não será mesquinho dar numa curta coluna de prosa todo o valor intelectual de uma obra admirável que levou anos, talvez, a gerar, a acalentar, a pensar e a realizar pelo escritor? A obra literária que nos sugere esta interrogação é o admirável romance «E o paraíso voltou»... de Manuel de Campos Pereira — o romancista que honestamente, sem alardes nem exibicionismos tem escrito uma obra que o coloca, sem favor, entre os primeiros dos nossos romancistas contemporâneos. Neste seu último romance, o autor dá-nos em dois volumes toda a trajectória do homem preso às suas esperanças, aos seus desespeços, à sua fé, às suas dúvidas, de uma maneira impressionante de pensamento e de beleza.

Como acima dissemos, não é fácil fazer o julgamento de uma grande obra em tão poucas linhas. Mas para reconhecimento do seu extraordinário valor bastam-nos a sinceridade de admirar — é o que orgulhosamente fazemos.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Eça de Queirós e a sua consagração

TEM decorridos com brilhantismo, como é de uso dizer-se, as cerimónias comemorativas do centenário do nascimento do grande romancista de «O crime do padre Amaro».

Não são demais tôdas as sinceras homenagens que se prestem à memória do enorme escritor.

Eça de Queirós criticou certos costumes que ainda hoje persistem. E quem sabe se ele ainda visse não encontraria ricos motivos para aumentar a sua glória. Não seria, decerto, por falta de figuras inspiradoras. No entanto, nas solenidades que lhe vêm prestando reconhecimento o génio literário que abrangiu uma geração e que a ultrapassou.

Eça é, hoje, e com justiça, o escritor mais discutido e mais lido. Só há a lamentar que os seus livros não sejam mais acessíveis ao grande público.

Dêste modo a compreensão da sua obra tornar-se-ia de grande interesse cultural para todos os que amando a obra do romancista nem sempre a podem adquirir.

E cremos que a maneira mais aconselhável de prestar homenagem a um escritor é divulgar o espírito da sua obra.

Quando a solenidades, mais ou menos teatrais, achamos que são perfeitamente ajustadas à época em que vivemos.

Duvidamos, porém, que Eça, se fosse vivo, as tomasse a sério.

Quem nos diz a nós que não seria ele o primeiro a esboçar sobre as solenidades um sorriso desprezador!

A justa compensação de alguns mortais

NA rapidez da vida dos nossos dias não há tempo para pensar — pensar, pode dizer-se, é perder tempo. Há uma lei mais imperativa: e consiste ela em atropelar. Pensar é de uma impropria lentidão. Correr, mesmo negando o direito à vida alheia, é método fácil para vencer.

Todos nós conhecemos pobres diabos que não obstante a sua vacuidade cerebral, conseguiram atingir alturas inacessíveis. Certo, essas imaginárias alturas apenas satisfazem a vaidade de quem as supõe de facto, superior.

Todavia, quantas vezes, o homem para se erguer muito alto corre o risco de descer mais no conceito dos que prezam a dignidade humilde de quem se contenta em ser apenas homem!

É verdade que o indivíduo é hoje um valor isolado. E nem sempre o dizer do pensador, afirmando que o homem só é homem livre, tem razão de ser numa época em a pessoa humana só tem valor em grupo...

E mal vai aquêle que pretende a dignidade da sua independência. Arrisca-se a ser eliminado pela sombra do primeiro bruta-montes que topa no caminho.

Claro que para tôdas as atitudes há uma razão justificadora, por mais contrária que seja à inteligência.

Mas neste caso a inteligência não é virtude para ter em conta.

Com a filosofia da vida se renova, continuamente, cada época constrói a sua conforme a conveniência utilitária do seu divulgador. Mesmo que envolva servilismo e poder falso de mando. Pois, «a vã cubiça» do Épico foi mal herdado por tantos pretendentes a envidecedoras situações.

Se dêles é o reino dos céus, na consolação bíblica, não é menos certo que neste vale de lágrimas âles andam por cá a tornar infernal a existência dos que não ambicionam nem merecem a graça de ir parar ao reino celestial.

Valha-nos ao menos esta compensação: não iremos direitinhos ao céu pelos motivos que outros, mais cedo ou mais tarde, lá irão parar.

A Imagem do nosso semelhante

NUNCA o homem foi totalmente bom. Isto tem sido observado através de séculos. Até mesmo aquêles que, por actos de bondade, foram considerados «santos». Estes próprios quando não são produto imaginativo deixam transparecer certos pecadilhos próprios dos humanos.

Parece que no indivíduo humano ressurge de quando em quando o instinto que, em épocas longínquas, e confundiu com as feras.

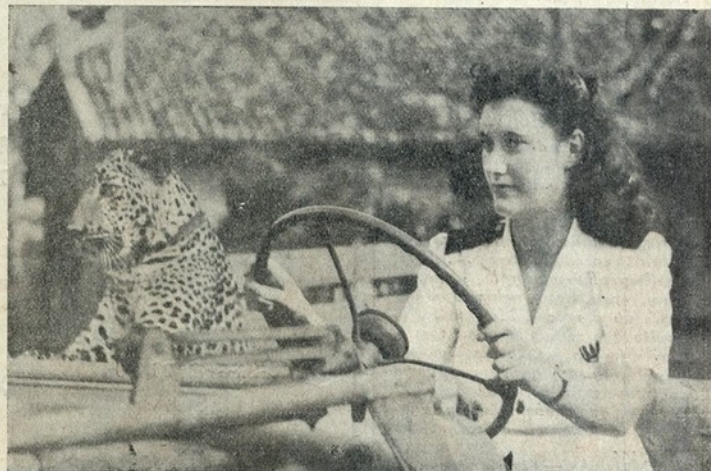
Ultimamente os jornais referem crimes ocorridos na América que têm preocupado as autoridades daquelle país.

A criminalidade aumente ali assustadoramente. E o caso é mais de assombrar quanto nesse país, dada a sua cultura e o respeito pelo homem, o torna um dos mais civilizados.

Consequências da Guerra? Decerto! Pois sendo a Guerra a arte ou a necessidade de matar, os seus resultados, logicamente, não podiam ser outros.

Para certos exaltadores da guerra, o acto primário de matar, coroa de glória quem o pratica. A guerra faz heróis.

Não está, porém, demonstrado que da guerra tenham saído homens com desejos generosos de bondade.



A mulher e a pantera. Passeiam num jeep e parecem amigas. Ela, a mulher, apanhou-a, viva, nas selvas de Mediawala, Colombo

SONHO DESFEITO

por LUIZ RODRIGUES

NAQUELE dia fazia anos o José João.

Como não podia deixar de ser, encontravam-se reunidos seus padrinhos, seus tios e sua mãe. José João, inquieto e bulhoso, fazia naquele dia dez anos. Dez anos de martírio para aquela mãe que, sem o amparo do marido, tivera o cargo de fazer do filho um homem digno e amante da pátria, tanto como o fóra o pai que perdera a vida num desastre brutal de aviação ao serviço de um alto idealismo...

Comeram-se bôlos, beberam-se chá e chegou a altura dos vinhos finos e das saúdes, atributos indispensáveis num jantar, numa festa ou numa recepção.

Foi o padrinho que falou: — Desejo-te, José João, um futuro próspero e grande, como teria sido o do teu pai se a morte desejosa de vítimas o não tivesse levado. Que sejas um bom aviador, são os meus votos, assim como os da tua madrinha que te adora como se fosses seu filho...

E entre aquela efusante alegria, um coração chorava. Era o da mãe.

Ao mesmo tempo um outro coração, mas esse sem conhecer ainda a brutalidade da vida, cantava de alegria pensando nos seus futuros vôos em que a sua imaginação se perdia.

Era o filho.

Já tinha soado a meia noite quando Julieta foi deitar o filho.

Inconscientemente, quando lhe despia o fatino novo começou a chorar. O filho admirado daquelas lágrimas veio inocentemente aumentar-lhe a dor, perguntando-lhe enquanto a beijava:

— Por que choras, mãezinha? Dize-me, dize ao teu filho. O teu José João já está um homenzinho, já lhes podes contar as tuas mágoas. Já seil choras por causa do paisinho.

— Não, meu filho, não é por causa do paisinho que eu choro, é por tua causa. A tua mãe sente um médo horrível que tu sejas aviador.

— Mas por quê, mãezinha? Por o paisinho ter também morrido num acidente de aviação? Olha, conta-me como foi, como foi que êle deixou este mundo ao serviço da pátria.

— Então ouve: — Tinhas tu quinze meses. Teu pai era já alfares, e contava nessa altura vinte e oito anos; estava a terminar as suas provas, para obter o seu «brevet». Um dia, os seus exames exigiram-lhe para derradeira prova o lançamento de bombas em alvo determinado.

E êle lá foi prestar a sua última e derradeira prova. O avião em que subiu não tornou a aterrar... Veio, sim, despenhar-se no solo, de grande altura, onde ficou reduzido a um monte de destroços. Mas não foi só o avião que terminou a sua tarefa, foi também teu pai. Foi também êsse que te deu o ser e que te amava como seu primeiro filho, José João. E' por isso, que tenho médo que sejas aviador e que me deixes só no mundo...

— Mãezinha, — diz a criança com lágrimas nos olhos, — agora que me contaste como foi que fiquei sem pai, agora que eu ouvi como um pioneiro

da aviação perdeu a vida, agora que sei quanto sofres por êsse pai idolatrado, é que eu te juro que serei aviador, que hei-de vencer êsses temores e essa angústia. Mãezinha, beija e abraça o futuro aviador José João da Cruz.

A mãe caiu sobre um sofá banhada em lágrimas, desabando a sua dor ao pé do seu filho lindo...

Fez nesse ano o seu exame de admissão ao liceu o pequeno José João, e com profundo desgosto da mãe, ei-lo a prestar provas ao Colégio Militar, firmemente convencido de que seria um futuro aviador.

Foi no dia marcado saber se era admitido no colégio dos seus sonhos. Uma desilusão o esperava nas pautas afixadas no «hall» do colégio.

Não tinha sido admitido porque a sua vista não lho permitia.

A mãe deu um grito e chorou de alegria, seu filho não podia ser aviador e os seus temores estavam, enfim, desfeitos ante essa infelicidade do pequeno. Só êle chorou de pena e de saudade de não poder ser aquilo que ambicionava.

Hoje faz doze anos, cursa já o segundo ano do liceu, com surpreendentes resultados. E' um bom filho e um bom aluno.

O seu padrinho quando chegou a hora dos brindes, disse:

— Meu afilhado, o meu desejo é que completes o teu curso com os máximos valores. Portanto desejo que sejas durante a vida, um homem exemplar, um bom filho e acima de tudo um bom aviador...

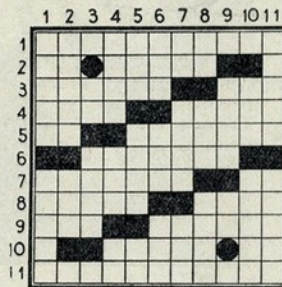
— Perdão, padrinho, enganou-se: eu não serei um bom aviador porque quero ser um bom engenheiro de aeronáutica.

E dizendo isto, abraçou sua mãe que já chorava de alegria e de orgulho pela última deliberação do seu filho.

PALAVRAS CRUZADAS

VERTICAIS

- 1 — Instruída; Suficientemente.
- 2 — Avival o fogo; Cada uma das vigas em que assenta a coberta de um navio.
- 3 — Freqüentar; Estimado.
- 4 — Uma das principais personagens do «Othello» de Shakespeare, que ficou como tipo do celerrado, pífido e cínico; Notável livro de versos de António Correia de Oliveira; Símbolo químico do cobalto.
- 5 — Cabo para rebocar embarcações; Pez negro; Artigo (pl.).
- 6 — Alguns; Rente; Alem.
- 7 — Cinquenta e um (rom.); Pingo; Felicidade.
- 8 — Preposição e artigo; Nome de uma letra grega; Apelido de filósofo e historiador inglês, criador da filosofia Fenomenista e autor de um célebre «Ensaio sobre o entendimento humano».
- 9 — Espécie de argila empregada em olaria; Partences.
- 10 — Rio da Suíça, que banha Berna; Limpar com areia ou outro pó.
- 11 — Precisamente; Acção exemplar.



PROBLEMA N.º 124

HORIZONTAIS

- 1 — O que sucedeu aos nazis e fascistas por força das acções combinadas das Nações Unidas.
- 2 — Nome antigo da nota musical «dó»; Pertencente à Aónia, onde viviam Apolo e as Musas.
- 3 — Etranhas a um assunto; Fluido aerífero.
- 4 — Frio; Produzem.
- 5 — Grito de dor; Célebre botânico português do século passado, que no exílio se relacionou com naturalistas franceses e escreveu importantes obras da especialidade, entre as quais a «Flora Lusitânica», ainda hoje de grande valor.
- 6 — Momices.
- 7 — Mesquinheria; Aspecto.
- 8 — Reúnão festiva, nocturna Deus grega do casamento.
- 9 — Transpizo; Exorbites.
- 10 — Rio de Goa (Índia portuguesa) que forma o limite sul do território de Damão; Símbolo químico da prata.
- 11 — Aparelho para medir o grau da fermentação de um líquido.

M	E	S	O	P	O	T	Â	M	I	A
A	I	O	A	V	Ô	A	Ç	O		
L	A		A	Ç	U	D	E		A	R
A		Ú		O	L	A		O	T	
G	A	N	A				E	R	M	O
U	L	I	T	E		B	I	L	A	C
E	A	C	O		A	S	A	U	L	
N	O		C	R	U		S	A		
H	A		L	O	G	R	O	C	S	
A	R	A		M	E	S		P	A	I
S	U	A	Z	I	L	A	N	D	I	A

Solução do problema 123

A Construção Civil (Continuação da página 3)

neados pelo poste. Muito dêste trabalho sobre a resistência de materiais tem sido de grande utilidade durante a guerra especialmente no que se refere às pontes, visto que têm tido que suportar a passagem de cargas muito mais pesadas.

Para o seu trabalho sobre os problemas que se relacionam com o aquecimento do Posto construiu um laboratório de aquecimento que exteriormente se parece com uma casa moderna. E' de facto uma sala de ensaios cujas paredes são aquecidas ou arrefecidas por meio de uma salmoura de cálcio que se força a passar por canalizações nelas embebidas, sendo devidamente reguladas as temperaturas. Empregam-se muitos aparelhos complicados para registar os efeitos das correntes de ar, da distribuição da temperatura e do factor geral do conforto na sala de ensaio.

Apesar da sua natureza altamente técnica, o trabalho efectuado no Posto de Investigação Científica Relativa à Construção Civil fascina o leigo visto que se refere ao seu conforto e mesmo à sua segurança, tanto em casa como no sítio onde trabalha. As experiências hábeis, minuciosas e cuidadosas que lá se têm feito durante os últimos 2½ anos, com um mínimo de publicidade mas um máximo de efeitos úteis, muito contribuirão para a solução de muitos problemas na construção civil de hoje e de amanhã.



42, Rua da Vinha, 42-A

TELEFONE 21483

LISBOA



Trabalhos de
CARPINTARIA
E MARCENARIA

Recortes, letras em
madeira e cortiça

EXPOSIÇÕES
GRÁFICOS

O "BLACK WATCH"

(Continuação da página 18)

alemães de roldão desde El Alamein até Tunis, onde se renderam.

A breve campanha da Sicília foi o cenário em que se desenrolaram novos actos bravura do «Black Watch», sendo a travessia do rio Dittaino um exemplo frizante da sua intrepidez.

A 51.ª divisão (escocês) estava de retorno à França pouco depois do dia «D» e combatia no flanco esquerdo da linha britânica. Batalhões do «Black Watch» estavam em duas brigadas desta divisão célebre que em breve tirou aos alemães qualquer dúvida sobre a sua chegada à frente de batalha.

Combatendo duramente contra fogo concentrado de artilharia, de morteiros e de metralhadoras, expulsaram o inimigo de Amfreville e capturaram mais tarde Bieville. Os alemães desencadearam pesados contra-ataques mas a gente do «Black Watch» manteve-se firme agarrando-se de nodadamente à posição que tanto lhes custara a tomar.

A pouco e pouco os alemães cederam por quasi toda a parte resistindo com denodo sempre que se oferecia uma oportunidade. Graças a acções brilhantes o «Black Watch» venceu o inimigo que tinha à

frente vez após vez especialmente em Esch, Naroche e na travessia do Neirs.

Executaram um trabalho especialmente brilhante em Goch, em Outubro de 1944, onde, com resolução e habilidade características, na primeira linha das tropas britânicas avançaram sem cessar.

A travessia do Reno, a tomada de Isselburgo e mais tarde a tomada de uma ponte intacta, foram outros tantos feitos, na última fase da guerra na Europa, que demonstram o valôr deste belo regimento de renome mundial.

NOTA: Sua Magestade a Rainha é Coronel-em-chefe (Colonel-in-Chief) do «Black Watch». O Marechal de Campo Lord Wavell serviu neste regimento. A marcha regimental chama-se «Blue Bonnets over the Border». (Górras Azuis Atravessam a Fronteira). O «Black Watch» é o único regimento escocês que usa um penacho vermelho no seu barrete de penas.

«J. I.» PRODUTOS (DÔCE INGLEBY)

ALPERCHE
AMEIXA
CEREJA
GINJA
LARANJA



MAÇÃ
MORANGO
MARMELO
PÊCEGO
PERA ETC.

ORANGE-MARMALADE

VENDEM-SE NAS BOAS
MERCEARIAS E CONFEITARIAS

A EXPRESSÃO NA RADIO

(Continuação da página 13)

Nunca o leitor procurou no drama vivido por um locutor da rádio?

Pois é fácil de vislumbrá-lo. Imagine que num estúdio da rádio a intérprete tem a seu

cargo o desempenho de uma tragédia humana!

Calcula o leitor quando, por ventura, está a ouvir a descrição de um dilacerante drama, que o locutor ou a locutora lhe revela através das ondas, friamente, os episódios trágicos, sorrindo em frente do microfone?

Aí é que reside o engano. A vibração dramática é, se possível, ainda, mais sentida do que no tablado.

Para que a força impressionadora de quem comunica com o público... sem o ver, seja de facto de dominar e arrebatá-lo pela verdade, é imprescindível que quem o faz seja um extraordinário temperamento de actor ou de actriz.

As gravuras que acompanham este artigo, revelam exuberantemente a força histriónica de uma locutora da Rádio.

A multiplicidade de máscaras, e as diversas expressões — de dor, de receio, de angústia, de terror — é o maior argumento justificativo do que afirmamos. E prova, ainda, que em frente do microfone o intérprete é tão expressivo, tão verdadeiro como se tivesse à sua frente uma platéia ansiosa e julgadora.

Na tranquillidade de um estúdio pode, também, haver muito de trágica representação — sem que o público, sequer, a presinta. Esta locutora, que nos dá toda a gama dos sentimentos humanos nos sulcos da máscara, na expressão pasmódica do olhar, no abandono doloroso da cabeça, é, acredite leitor, uma extraordinária intérprete de sofrimentos. Sente «verdadeiramente» embora não possa receber os aplausos de uma platéia entusiasmada.



Os americanos bateram-se como leões, nesta guerra pela causa da liberdade. Estes metralhadores aniquilaram uma posição inimiga no norte de Africa.

REMINGTON

Máquinas de escrever
Máquinas de somar
Máquinas de calcular
Máquinas de contabilidade
Máquinas tabuladoras
Máquinas de barbear eléctricas
Duplicadores
Fotocopiadores
Acessórios

KARDEX

(Sistemas de organização)

Ficheiros horizontais
Ficheiros verticais
Arquivos
Classificadores
Acessórios

São produtos da

Remington Rand

D. NEW-YORK U. S. A.

Agentes gerais para Portugal

SOLOR

Sociedade Lusitana de Organizações, Lda.

LISBOA

Rua da Misericórdia, 20, 1.º

Telefones 29381 e 29382

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 69, 2.º

Telefone 1276

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

viaje

na

C. P.

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 732

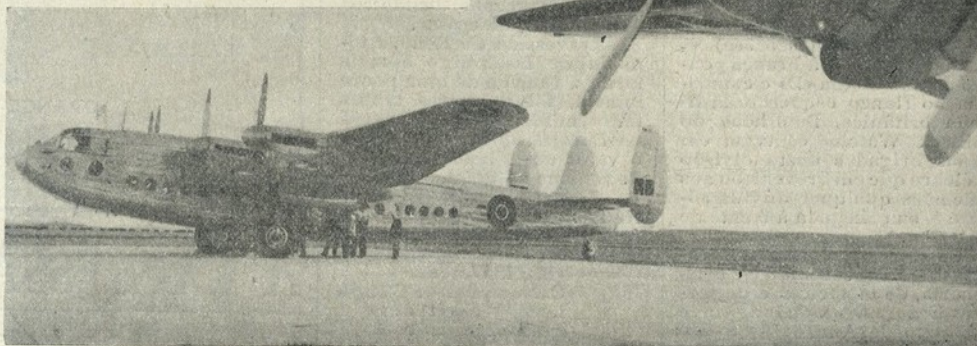
ANUNCIANO

Mundo Gráfico

O ACÔRDO AERONÁUTICO

entre Portugal e a Inglaterra

Entre Inglaterra e Portugal, foi assinado um acôrdo bilateral para a cooperação aérea entre os dois países. Para isso, esteve no nosso País o sr. Ivor Thomas, secretário parlamentar do Ministério da Aeronáutica Civil da Grã-Bretanha, que negociou, com a missão aeronáutica portuguesa, o referido acôrdo. Trata-se de acontecimento de extraordinária transcendência no futuro da aviação civil de Portugal e da Inglaterra que, além disso, é o reconhecimento da posição privilegiada do aeroporto de Lisboa no arranjo das rédes aéreas do após guerra.



som levado à conclusão de que o tigre de Bengala, geralmente considerado a seguir ao leão, apenas podia emitir um rugido de 89 decibels. O hipopótamo, a quem no circo se chama «Zé silencioso» surpreendeu a máquina com o seu grunhido de 90 decibels.

A pantera negra, o Kanguru e o chimpanzé conseguiram levar o indicador até aos 79

decibels, som equivalente ao de um aparelho de telefonia tocando em volume normal, ao passo que o loquaz papagaio atingiu as 84 unidades. O mestre de cerimónias do circo, finalmente, se colocou em terceiro lugar, atrás do leão e do elefante, com um volume de 100 decibels, ou seja o mesmo que uma buzina de automóvel à distância de 60 centímetros.

COMPLETO
SORTIDO DE
ARTIGOS DE
MERCEARIA FINA,
CONFEITARIA

**Vilarinho
& Ricardo
Limitada**

230-R. da Prata-232-LISBOA
Telefones 21711 e 20635

Agentes depositários e distribuidores do CHÁ CELESTE e das afamadas conservas LA ROSE de Feu Hermanos, de Portimão, e do Vinho do Porto RAINHA SANTA

Como a Inglaterra protege os seus marinheiros

(Continuação da página 8)

necido o amparo material ou a assistência material indispensáveis para minorar os seus sofrimentos ou restabelecer a sua saúde afectada por qualquer causa. O comportamento desses serviços durante as fases mais dramáticas da luta em que o povo britânico tudo arriscou ao serviço duma causa que era, simultaneamente, de todos os povos civilizados, foi verdadeiramente exemplar e está acima de todos os elogios.

A ciência pela imagem

(Continuação da página 24)

dos animais — quanto à voz, é escusado é dizer-se; finalmente, porém, ficou vencedor, mas apenas por um decibel, «Toby», o elefante, ofereceu uma séria resistência, elevando à agulha do indicador até aos 109 decibels. Depois de não alcançar esta marca, por diversas vezes, Leo rugiu finalmente com a intensidade de 110. Excepto para o caso da girafa que «não fala», a voz mais humilde do circo foi a da cobra gigantesca «boa constritor» cujo silvo, a 60 centímetros de distância, elevou a agulha a 60 decibels apenas, o equivalente a uma conversa baixa à mesma distância. O medidor de intensidade de

HELIOGRAVURA DE ARTE *
BILHETES POSTAIS *
FOLHETES DE PROPAGANDA
* JORNAIS * CATALOGOS
* ESTAMPAS DE ARTE *
REVISTAS E CARTAZES



**NEO GRAVURA
LIMITADA**

AGENCIA GERAL:
R. NOVA DO ALMADA, 53-2.º
TELEFONE 24206

OFICINAS:
TRAV. DA OLIVEIRA, (À ESTRÊLA, 6—TELEFONE 64426
L I S B O A

A B. B. C.

FALA E O
MUNDO
ACREDITA

*Algumas das "speakers"
femininas da B. B. C.,
cujas vozes são conhe-
cidas no mundo inteiro*



JOAN GRIFFITHS



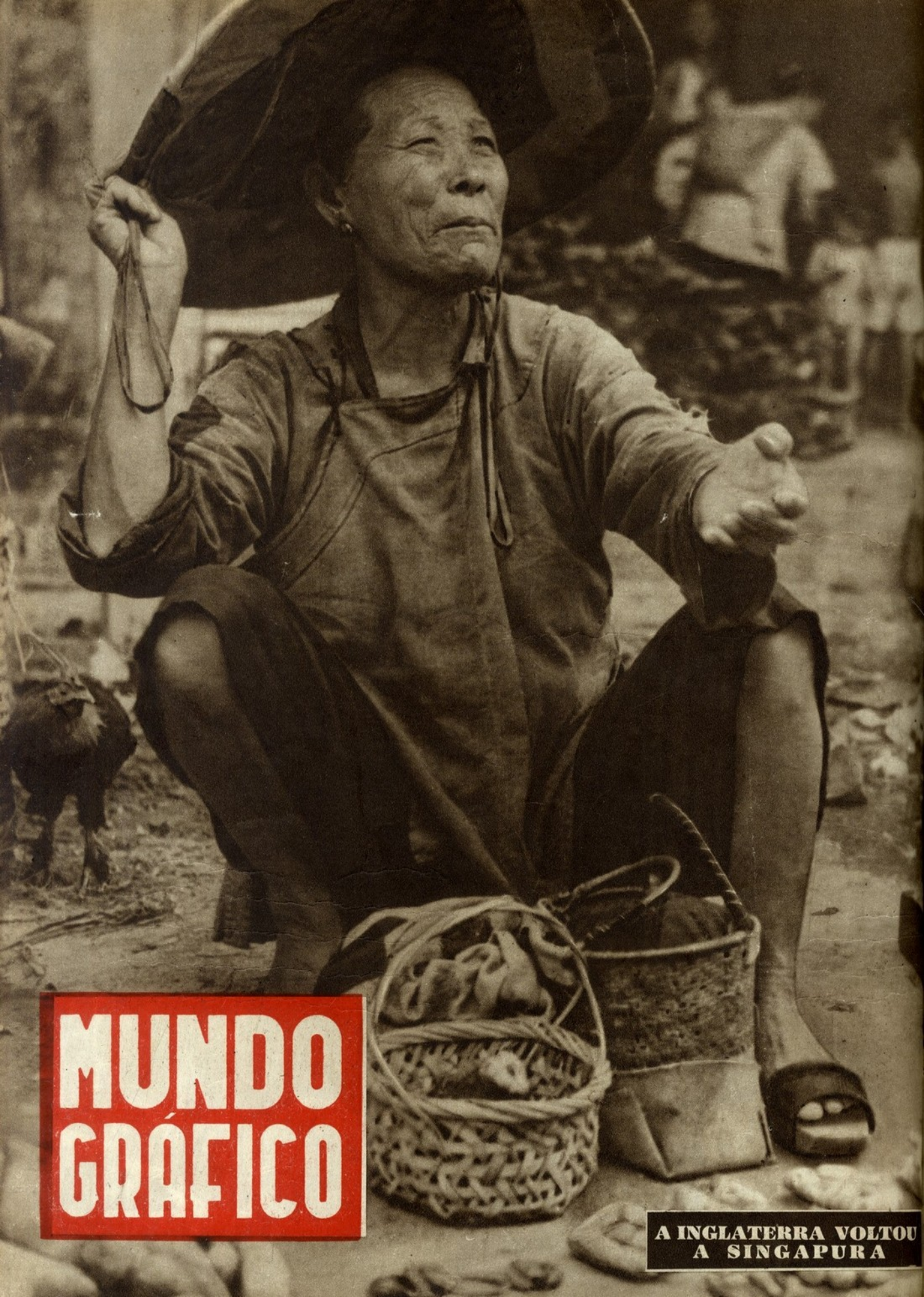
MARGARET HUBBLE
E CHARMIAN SANSOM



MARJORIE ANDERSON



PRUDENCE NEILL



**MUNDO
GRAFICO**

**A INGLATERRA VOLTOU
A SINGAPURA**